Ano XX — Lisboa, Março de 1964 — N.º 227

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

Composição e Impressão: TIPOGRAFIA VIEIRA / Praça Afonso de Albuquerque, 2-A / Telefone 63 78 66 / LISBOA 3 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA

VOLTANDO À "VACA FRIA"

Pelo Rev. Eduardo Moreira

«O prometido é devido». E se, pela promessa feita em Janeiro, consegui alguns credores, a eles dedicarei estas linhas sobre os problemas da cultura, na parte que mal enunciei no artigo anterior.

Volto assim à «vaca fria», como é velho costume dizer, esperando que esteja suficientemente tenra, e, barrada com manteiga da sinceridade, se vos torne aceitável, como são as carnes frias. Haja sinceridade e boa disposição, pois lá dizia o nosso Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, basta ao pobre «vaca e riso»...

Ainda não há muito, deparava eu com uma citação de Gustavo Flaubert, em frase que condensa sem laconismo o que tantos têm largamente glosado: «a vida deve ser uma incessante educação». Pois muito bem! Amemos os meios que venham surgindo, nascidos da respeitável ambição de ajudarem a vida que cada um vive e forçosamente a todos traz experiência.

Muito agradàvelmente me impressionou, há poucos dias, em notícia celebradora dos cem anos de existência do sr. Conselheiro Sousa Monteiro, a afirmação feita ao jornalista pelo ilustre festejado, de não estar perdendo nenhum programa da T. V. e de muito apreciar os novos números que constituem o plano educativo, de inspiração oficial. Eis aí um venerendo ancião que sabe louvar, liberto do vulgar pedantismo de quem suponha impor-se aos outros catando defeitos e calando as boas qualidades.

Também iremos apreciando o que aí se realiza (apesar do que não no-lo mereça por inteiro, v. g. a inclusão do milagre de Santo António na história de Portugal, quando o seu justo lugar seria, com tantas outras lendas, num estudo sério do nosso «folclore»). Esperamos, pois, continuar a apreciar todos os colaboradores dos úteis programas, desejando vê-los um dia enriquecidos com filmes ilustrativos dos problemas do carácter e das relações sociais, comentadas por vozes de quem *saiba ler*, como a do poeta Mourão Ferreira que, tratando matéria diferente, tanto prazer me deu quando ali o ouvi.

Como é importante a maneira de dizer, as inflexões prosódicas dos que sentem e amam, ou pelo menos compreendem e respeitam um trecho lido, enfim a música da palavra, parte nobilíssima da linguagem!

E' este um ponto fronteiro entre as «boas maneiras» e a «boa expressão». Comecemos aqui por falar do uso e abuso do calão. Sabe-se que há um acervo grande de termos familiares a que se poderia chamar, mas se não chama, «a gíria do lar», muitos deles tendo entrado na linguagem comum, por sinal derivados de sentido profundo, filiados na rica imagística popular e na experiência secular da multidão; mas outro há, provindo de lugares pouco policiados e contendo por vezes alusões cruas ou repugnantes, ainda não apagadas, apesar de em geral curiosamente burlescos e caricaturais — calão que já desce às praias e sobe aos salões, e até se estadeia nos institutos de ensino secundário e superior, o que de modo nenhum ajuda o progresso moral da Pátria.

«As ruins conversações corrompem os bons costumes», dizia-o

Continua na pág. 4

Escoteiro e Rei

CONSTANTINO II DA GRÉCIA

Um escoteiro vai assumir a chefia de um Estado. Referimo-nos a Constantino II que ocupa, desde o princípio deste mês, o trono da Grécia, por morte de seu pai, o rei Paulo I.

O jovem soberano era membro activo do Escotismo Grego, pois desempenhava o cargo de Escoteiro-Chefe-Geral, a que dedicava todo o entusiasmo dos seus 23 anos.

Desde muito novo, este príncipe atraiu a atenção e a simpatia do povo heleno, pela personalidade que imprimia a todas as suas atitudes, e pelo aprumo e simplicidade de maneiras.

Ajudado por uma robusta compleição física, dedicou-se às práticas desportivas, actividade que lhe grangeou imensa popularidade, a qual ainda mais se acentuou, quando, em 1960, Constantino se consagrou campeão olímpico saindo vitorioso da regata de «dragões» realizada na baía de Nápoles. Era o primeiro membro da família real a conquistar uma medalha olímpica de ouro e o primeiro grego a realizar tal feito nos últimos 50 anos!

Ainda no último Jambori Mundial, que se realizou na planície de Maratona, na Grécia, o príncipe Constantino armou a sua tenda e acampou entre os milhares de escoteiros que ali compareceram.

Quando presidiu à cerimónia que encerrou o grande acontecimento escotista, o actual soberano helénico teve ensejo de manifestar os ideais que o animam ao apelar para que, cada escoteiro ali reunido, levasse consigo a chama do escotismo, a chama de compreensão e da fé no mundo de amanhã.

Na Conferência Mundial de Escotismo, que se realizou a seguir na ilha de Rodes, Constantino não só esteve presente em todas as solenidades, como tomou parte em muitas sessões de trabalho. A sua juventude, a lhaneza e a personalidade que revelou, tiveram o condão de suscitar um ambiente de respeito e simpatia à sua volta.

Ao ser proclamado rei do povo grego, Constantino II mais uma vez exprimiu, como escoteiro exemplar, os anseios de servir, servir o povo helénico através da guarda vigilante das suas instituições democráticas.

Que o jovem rei, no exercício das suas altas funções, seja um estrénuo defensor da paz e do respeito entre os homens e da prosperidade do povo daquela gloriosa nação. Com o respeito inerente a tão alta personalidade, Sempre Pronto *deseja «boa caça!» ao novo rei dos helenos e formula votos sinceros de que o seu reinado seja caracterizado pela realização do ideal escotista de «mais alto e mais além!»*

OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

COMEMORARAM O 107.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE BADEN POWELL

Na Sede Central, efectuou-se em 23 de Fevereiro passado uma festa comemorativa do aniversário de B.P., Estiveram presentes, além de muitos antigos escoteiros e convidados, os grupos n.os 1, 2, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 79, 85 e 94, num total de 111 elementos, número bastante diminuto para o total de grupos, mas assim mesmo bastante animador em relação às presenças nas últimas actividades.

Os escoteiros formaram em frente à Sede com as bandeiras nacional, da Associação e do Escotismo Mundial, tendo passado revista o Chefe-Geral adjunto, sr. Eng.º Nobre Santos, depois do que desfilaram perante a Direcção e, tendo saudado as bandeiras, entraram no edifício e formaram em quadrado no fundo da vasta sala, onde se via o retrato de B.P., o pavilhão nacional e a bandeira associativa. Presidia o sr. comandante Tengarrinha Pires, Escoteiro-Chefe-Geral, tendo à direita os srs. Albano da Silva, secretário-geral; brigadeiro Esteves Pereira, e eng.º Nobre Santos. À esquerda, os srs. comandante Diogo Afonso, tesoureiro-geral; Dias de Almeida e Garcia de Almeida, vogais; e o Dr. Eugénio Ramos, presidente da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

O Chefe do Núcleo, sr. Madeira Leitão, saudou os presentes e explicou a finalidade da festa, tendo os Escoteiros e os «Antigos» recitado a Lei do Escoteiro e cantado o «É Lá». O Chefe-Geral agradeceu as palavras de saudação e dirigiu-se aos escoteiros, tendo as suas palavras sido coroadas com a saudação «Para mim és um bom companheiro...»

Seis novos escoteiros prestaram compromisso de honra, tendo os restantes e os «antigos» ratificado o seu compromisso, depois do que se escutaram em gravação e em português palavras de B.P. particularmente a última mensagem do Chefe

O sr. dr. Eugénio Ramos disse então a sua interessante palestra acerca da mocidade de B. P., apresentando episódios da vida do Fundador quando rapaz, tendo sido escutado com toda a atenção pelos escoteiros e restante auditório, dissertando com profunda sinceridade e vibração, o que lhe valeu no final prolongados bravos.

Realizou-se a seguir um simulacro de fogo de conselho em volta de uma fogueira simbólica, durante a qual os grupos apresentaram canções e outras representações, destando-se o grupo 8, que exibiu um «trio» constituído pelos escoteiros Manuel Lucas, em acordeão, Carlos Camilo e Orlando Pinheiro em viola, que se fizeram ouvir várias vezes com geral agrado e preencheram a parte musical da festa. Merecem também referência especial os pauliteiros do Grupo 2 e o lobito Gonçalves, filho do chefe do Grupo 85, que muito habilidosamente e com graça desempenhou o seu papel no «cozinheiro» acompanhado com coro. Também os grupos 7 e 16 apresentaram diálogos cómicos e o 85 fez ouvir canções interessantes. De uma maneira geral todos deram a sua contribuição.



Durante o «Fogo do Conselho»

Os «antigos» Ernesto Nascimento, Levi Gonçalves e Quintino cantaram com acompanhamento coral o «Kili, Kílli».

A festa terminou alegremente depois do Chefe do Núcleo ter agradecido à Imprensa, à Rádio e à Televisão o carinho com que acompanharam aquela actividade, sendo o hino nacional cantado pelos escoteiros acompanhados pela assistência.

Sempre Pronto esteve presente representado pelo dedicado colaborador sr. Luís Simões Aurélio, que em nome do nosso jornal apresentou cumprimentos ao sr. Escoteiro-Chefe-Geral.

DE CAMINHEIRO PARA CAMINHEIRO

Uma Sugestão

Servir! Esta é a divisa de todo o escoteiro de mais de 18 anos. O único objectivo que todo o Caminheiro deverá ter pela vida fora, pois, servindo, sentir-se-á feliz sabendo que é útil ao seu próximo e não inútil no meio da sociedade em que vive; um rapaz que pensa no progresso da sua Pátria, sentindo que há sempre qualquer coisa para fazer, esforça-se, para entrar em acção em qualquer momento em cumprimento da divisa *Servir!*

Este deveria igualmente ser o lema de toda a humanidade, pois servindo-nos uns aos outros teríamos um mundo melhor, um mundo de paz e de amor como Jesus proclamou: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei a vós.* Como é simples amar o nosso semelhante! Basta ser compreensível e ter uma boa dose de paciência com as fraquezas dos outros.

Pois bem, meu irmão-caminheiro, vou dar-te uma sugestão, indicar-te uma maneira simples de pôr em prática a nossa divisa.

Já pensaste naqueles rapazinhos que vês a jogar na rua um jogo sem regras e cheio de palavreado sujo? Não será difícil aproximares-te deles, observá-los e cativá-los com alguma ideia prática sobre o jogo (embora a princípio eles também te chamem intruso).

Pois bem: esses rapazes seriam a tua primeira patrulha, uma patrulha isolada, talvez, que tu prepararias para competir com outras patrulhas, que teria a sua sede nalgum sótão, barracão ou na casa de algum mais abastado. Serias tu o seu primeiro guia, mas depressa passarias o teu testemunho, visto o jogo ser para eles, porque tu já o jogaste. E se não o fizeste ainda, porque esperas? Treina-te no campo-escola frequentando um curso da insígnia do bosque! Vale a pena! São sete dias de verdadeira aventura e será um jogo que nunca esquecerás. Se já jogaste, estás portanto treinado e agora só te resta competir com outros homens. Tens de mostrar quanto vales, demonstrar que és útil.

Meu caro Caminheiro: Sejamos úteis, sejamos chefes de outros chefes e, quando chegarmos ao fim da nossa estadia na globo, poderemos dizer como Baden-Powell disse no último momento da sua vida: — *Sou feliz. Creio não ter perdido o meu tempo.*

Teu Amigo

BISÃO SILENCIOSO

Este número foi visado pela Comissão de Censura

A Campanha
a favor
de uma pobre doente mental

O mais jovem colaborador de *Sempre Pronto*, o «Lobo Negro», que os nossos leitores já conhecem através das suas entrevistas com diversas individualidades particularmente antigos escoteiros, leu no «Diário Popular» que a dois passos de Lisboa, no Freixial, vivia em condições confrangedoras uma pobre doente mental que, apesar de ter 23 anos, mantinha a aparência de 15. E o «Lobo Negro», com a sua alma escoteira vibrando, sentiu desejo de acudir àquela pobre doente. Como não tinha possibilidades de o fazer sòzinho, lançou uma campanha nas colunas do seu jornal. E fê-lo com aquela confiança tão própria da sinceridade juvenil. Sabia que o seu grito seria ouvido pelos escoteiros. E tão certo estava disso que começou imediatamente a fazer projectos acerca da sua iniciativa.

E o apelo foi escutado. Num dos primeiros dias deste mês, o telefone da Redacção tocou. Do lado de lá surgiu uma voz que perguntou:

— É do «Sempre Pronto»?

— Exactamente — respondemos.

— É um escoteiro? — inquiriu a mesma voz.

— Sim senhor. É o Eduardo Ribeiro.

— Ah! É o Director! Pois bem. Daqui fala um Antigo Escoteiro. Queria informar que desejo corresponder ao apelo feito a favor daquela doentinha mental. Têm na Rua (..) disposição a quantia de quinhentos escudos para socorrer aquela doente.

— E quem fala, perguntámos com interesse.

— Desejo ficar no anonimato. Sou um antigo escoteiro. Pertenci a um grupo de Angola e meus dois filhos foram lobitos num grupo de Lisboa. Por isso também me considero antigo escoteiro desse grupo.

O «Lobo Negro» tinha razão em confiar. Surgiu uma alma gémea da sua, que também vibra perante um quadro triste, e trouxe-lhe a adesão que esperava. Foi o próprio «Lobo Negro» quem se apresentou a receber os quinhentos escudos. O nosso dedicado leitor e antigo escoteiro levou ainda mais longe a sua simpatia.

— Já falei a um médico meu amigo especialista de doenças mentais, que está pronto a observar a doentinha. Se se puder tratar o seu mal, ele se encarregará de a internar. Procurem os Escoteiros levar a doente à sua consulta.

Entre as suas amizades, Lobo Negro levantou mais 41$00.

«Sempre Pronto» vai agora pôr-se em contacto com os pais da doente para efectivar o auxílio que este Antigo Escoteiro anónimo generosamente pôs à nossa disposição, acrescido das verbas que outros amigos possam enviar para o mesmo fim. O apelo feito pelo «Diário Popular» tem assim um eco nas colunas modestas de «Sempre Pronto.»

Francisco Militão dos Santos

Esteve em Lisboa, e deu-nos o prazer da sua visita, o nosso amigo sr. Francisco Militão dos Santos, antigo chefe do Grupo n.º 6 de Olhão e primeiro agente-correspondente de «Sempre Pronto» naquela vila, tendo-nos prestado então bons serviços. O sr. Militão dos Santos veio à capital por motivo de saúde, pelo que lhe desejamos um restabelecimento rápido.

DR. LEOPOLDO FIGUEIREDO

Adoeceu gravemente, em Fevereiro passado, o antigo escoteiro e nosso dedicado amigo sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo. O distinto médico tem, no entanto, registado algumas melhoras e está reagindo bem aos tratamentos, pelo que esperamos e desejamos um breve e completo restabelecimento.

Jónatas David Jesus Soares Monteiro

Esclarecendo a notícia que publicámos em Dezembro passado, devemos informar que este saudoso companheiro, que era Caminheiro do Grupo n.º 10, foi vitimado por um colapso cardíaco e não em consequência de uma rotura de gás, como dissemos baseados numa notícia da imprensa. Uma vez mais expressamos o nosso pesar pela lamentável ocorrência e agradecemos o esclarecimento que nos foi feito por sua desolada mãe.

José Forasté Oliver

Este nosso dedicado companheiro de Madrid, um dos membros da conhecida «Equipa Lobo Gris» e Comissário Nacional de Adestramento do Movimento Escoteiro Espanhol em reorganização, tendo ido a Badajoz em missão profissional, não resistiu ao desejo de vir abraçar os seus irmãos-escoteiros de Lisboa pelo que deu aqui um salto em 6 do corrente, tendo-nos dado o prazer da sua visita, acompanhado de um numeroso grupo de amigos tanto do C. N. E. como da A. E. P..

O sr. José Forasté levou saudações para todos os nossos companheiros da Equipa Lobo Gris.



Grupo N.º 4

DIA DO PENSAMENTO — Levou este Grupo a efeito, no passado 22 de Fevereiro, o «Dia do Pensamento», constituído por uma palestra do sr. Humberto Barbosa e Compromissos de Honra, entre os quais do Aspirante António Sá, e da ratificção do compromisso, por terem atingido a Divisão Senior dos escoteiros: Manuel Teixeira de Sousa, Fernando de Oliveira Figueiredo e Honorato Gonçalves Costa. Foi nomeado Guia de Equipa D. João de Castro o senior José Ferreira Festa, e Chefe da Tribo o escoteiro há pouco regressado de Angola, Belmiro Alves de Figueiredo. Quanto à palestra, soube na verdade o sr. Humberto Barbosa historiar a vida de Baden-Powell, focando o seu trabalho pelo escotismo, cujo pensamento transportou para a Lei do Escoteiro que é um manancial de virtudes para o jovem. Finda a cerimónia, foi guardado em sua honra um minuto de silêncio.

LUTUOSA — Maria Santíssima de Jesus Cunha.

Foi Deus servido de chamar à sua presença esta bondosa senhora no passado dia 19 de Fevereiro. Esposa amantíssima, era casada com o sr. Ireneu Reis Cunha, Presidente da Direcção do Grupo. Era mãe do antigo escoteiro Aníbal Remo Cunha e da sr.ª D. Irene Cunha Queirós, distinta enfermeira do Curso Geral no Hospital de S. João. O Grupo que na pessoa do seu Chefe se fez representar no funeral, apresenta a todos os doridos as suas sentidas condolências. — A.B.

Sempre Pronto apresenta sentidos pêsames ao seu dedicado assinante sr. Ireneu Reis Cunha.



O Escotismo através do Mundo

Espanha

Conferência Nacional Escotista

Em 12 e 13 de Outubro passado, reuniu em Madrid a Conferência Nacional Escotista com a presença de 45 delegados representando organismos escoteiros de diferentes pontos do país e da comissão organizadora da Associação dos Escoteiros de Espanha e ainda de 25 observadores, contando-se entre estes duas representantes das Guias de Espanha,

Foram estudados diversos problemas ligados à reorganização do movimento em Espanha, tendo sido também resolvido «agradecer às Associações Escoteiras de Portugal as facilidades que em matéria de Adestramento de Chefes nos vêm concedendo».

A conferência resolveu outorgar um amplo voto de confiança aos membros da equipa nacional técnica-administrativa, e, considerando que o momento exige a continuidade da sua presença, confirmar a sua eleição a título efectivo, embora permitindo a modificação da actual organização.

Reorganizada a equipa, temos o prazer de verificar que o nosso antigo colaborador e delegado em Espanha sr. Enrique Genovés, foi eleito Chefe Nacional; o sr. José Forasté, Comissário Nacional de Adestramento; e o sr. Victor José Jiménez M. de Molina, secretário nacional, cargos que já desempenhavam. É para nós muito agradável ver estes três companheiros de forma tão importante ligados ao ressurgimento do Escotismo em Espanha, pois são exactamente três elementos que a equipa de «Sempre Pronto» conheceu na sua passagem em Madrid em 1947 a caminho do Jamboree da Paz, com os quais iniciámos relações que se transformaram em laços de muita amizade e se expandiram em fortes contactos entre o Escotismo dos dois países, dando fim a uma larga época em que nada se sabia do nosso Movimento na vizinha Espanha.

UMA CONFERÊNCIA
do Sr. Rev. Eduardo Moreira
sobre «Presença de Herculano»

O Círculo de Alexandre Herculano promoveu em 3 do corrente, no salão paroquial da Catedral de S. Paulo, uma conferência com este título sobre Alexandre Herculano, confiada à autoridade do brilhante escritor, e antigo escoteiro, Rev. Eduardo Moreira, que com muito brilho se referiu ao facto de Herculano continuar presente através da forma como se definiu em face de problemas que só no nosso tempo começam a ter solução, especialmente no que se refere ao espírito ecuménico desenvolvido pelo falecido Papa João XXIII.

A sessão foi presidida pelo Rev. Bispo Dr. Luís Pereira, secretariado pelos srs. eng. Albino Monteiro da Silva e Manuel dos Santos Guerra, tendo o orador no final sido muito felicitado.

FILATELIA

Num dos nossos anteriores apontamentos sobre filatelia escoteira, aludimos ao custo relativamente pouco elevado de determinadas séries que se revestiam de grande interesse por constarem de vários valores e cada um deles apresentar como bem delineado motivo uma faceta da actividade do escoteiro, (casos, especialmente, da série grega e de uma das séries da Indonésia), em confronto com outras emissões dedicadas ao Escotismo, onde a expressão pictórica e o interesse do motivo deixavam bastante a desejar mas cujo preço, por elevado, vinha a tornar-se proibitivo.

Conhecido o empenho de muitos milhares de coleccionadores na filatelia temática escotista, empenho que garante a aquisição pura e simples de quanto no género se refira ao Escotismo, fácil seria prever que a par das emissões bem intencionadas, nascidas ùnicamente de um desejo de homenagem ao método magnífico de educação da juventude ou ao seu genial fundador, acabariam por surgir os «comercialões» a imiscur-se ùnicamente por ganância em assuntos que de outro modo lhes não interessariam e a contribuir com a sua desfaçatez especulativa para dificultar a normal evolução de uma temática que melhor e mais naturalmente singraria sem a sua «ajuda».

Exemplos flagrantes de um evidente e condenável oportunismo são as notícias que a seguir inserimos e amàvelmente nos foram facultadas por pessoa amiga, há pouco publicadas no «The Journal of the Scout Stamps Collectors Club».

Para as Ilhas Maldívias, no oceano Indico, frente à Índia, pertencencentes ao Ceilão, é anunciada a emissão de uma serie de 4 selos para comemorar o Jambori Mundial da Grécia, a sair em Dezembro de 1963. São os seguintes os valores desta série:

2 L — Púrpura; 3 L — Castanho; 25 L. — Azul escuro; 1 rúpia — Castanho.

São quatro os desenhos, mostrando o emblema escoteiro e actividades escotistas. Cada valor está impresso numa pequena folhinha de 12 selos, com cercadura decorativa à volta da folhinha. A distribuição será feita através dos agentes nomeados em Nova Iorque e deverá haver um antecipado racionamento de sobrescritos de primeiro dia. Assim, cá estamos outra vez! Encham as algibeiras dos especuladores com ouro temático! A série deverá custar a retalho entre 16$00 a 18$00 (Conversão feita por nós), *assim quem quiser folhinhas completas comece desde já a juntar dinheirinho.*

O último país a anunciar a emissão de selos escotistas é a Etiópia. Muitas novas emissões são planeadas para este país, com uma forte tendência para a filatelia temática. Qual será o primeiro país a emitir um selo mostrando uma nave espacial (denominada Europa) voando para a tenda da Cruz Vermelha, nos Jogos Olímpicos, com uma tripulação de animais, pássaros, borboletas, peixes e ESCOTEIROS — e com uma carga de comestíveis (para os esfomeados!) e quinina para combater uma erupção de malária nas comunicações internacionais (barcos, aviões e comboios) transportando correio para os membros da U.P.U.!!! (União Postal Universal).

Que dizer deste negócio descarado? Se pudessem pelos coleccionadores ser boicotadas as séries «escotistas» com as quais apenas se pretende fazer dinheiro, decerto os responsáveis pela sua emissão não deixariam de pensar duas vezes antes de as lançarem no mercado.

J. M. P.

VOLTANDO À «VACA FRIA»

Continuado da pág. 1

há já dezanove séculos o Doutor das Gentes. E a lição permanece.

O certo é que o ser humano necessita de comunicar. Como comunicará? Dando, falando, acompanhando, convivendo. Acerca deste convívio quanto haveria para dizer!

Uma das notas mais relevantes da nova tomada de posição para a arte universal de conviver, vimo-la há pouco no facto de um compositor judeu, Dario Milhaud, ter-se inspirado na famosa Encíclica de João XXIII «Pacem in Terris», numa sinfonia coral encomendada pela Radiotelevisão Francesa, com autorização expressa do Vaticano, interpretada que foi sob a direcção do chefe de orquestra protestante Charles Munch.

Ora porque não há-de ser sempre esta a forma de colaboração entre os humanos, para se obter a harmonia universal?

Que obras-primas se obteriam! Não esqueçamos que Gounod, na sua Ave-Maria, se inspirou numa sinfonia de João Sebastião Bach. Um, francês; o outro, alemão. Um, católico-romano; o outro cristão-evangélico; mas ambos encontrando-se em Deus e na Arte. Deus, o Opípece; a Arte, o Instrumento.

— * —

Da intolerância das expressões depressa se passa à dos actos, e assim se perturba o convívio. Entretanto, com os prenúncios de morte com que lamentàvelmente a técnica serve a política, cada vez se sente mais a necessidade de cultivar a arte de conviver, de vivermos lealmente uns com os outros.

Se passarmos de «aquilo que se diz» à maneira «como se diz», teremos o terreno desbravado.

Um termo que mal entrou no uso português, pelo menos deste lado do Atlântico, é *califasia* (melhor se dirá califásia), a arte de falar bem: o «savoiro dire» dos Franceses. Em aulas que há pouco fui chamado a dar, sobre o «falar em público», tive de humildemente sistematizar as minhas designações, digamos «califásicas», como cheguei a entendê-las. Eis as conclusões: Primeiro, *FALAR* é: *ler* (o monólogo cuja mensagem reside na interpretação prosódica); *conversar* (o diálogo vertical, de mensagem mútua); e *perorar* (o diálogo-monólogo, isto é, o monólogo audível que busca provocar o diálogo oculto, visto que se espera os ouvintes replicarem ìntimamente, nunca homilética horizontal, por expansiva). Em segundo lugar temos o *DIZER*, que é a inteligibilidade do falar, tanto no que se diz, tendo a palavra como *termo*, como na forma como se diz, onde a palavra é *vocábulo*.

Neste singelo esquema suponho fazer ressaltar a importância da leitura, arte que hoje ocupa profissionalmente muitos milhares de locutores no mundo. E todos nós, quando lemos para outrem, não sejamos «alquimistas às avessas», transmutando, como sucede bastas vezes, uma página de ouro num pouco de chumbo... Mesmo quem tenha escrito uma página linda e não a saiba dizer, que a passe a outro num verdadeiro espírito de equipa. Bem necessário é que todos honremos a nobre arte da expressão!

UMA CLASSE QUE CARECE DE PROTECÇÃO

Os Serviçais Marçanos da Cidade

O *Diário de Lisboa* sobressaltou há semanas os seus fiéis leitores com o drama pungente de um rapazinho — um pobre marçano — que fugira misteriosamente da loja onde vivia e trabalhava, sem que durante alguns dias se conseguisse pôr-lhe a vista em cima ou dele houvesse notícia. O caso conta-se em breves palavras: Dois fregueses, desses espertalhões que para roubar uns magros escudos não têm pejo em abusar da inocente credulidade de uma criança, conseguiram a «proeza» de ludibriar o inexperiente empregadito. O caixeiro, ciente da autoridade do seu alto posto na hierarquia do balcão, admoestou severamente o ingénuo subordinado e, em consequência disto, este desaparecera. Avisada a polícia e alertado o público pela intervenção da imprensa, o rapaz foi finalmente descoberto, esquelético e esfaimado, dormitando alta madrugada na escada de um prédio da capital.

Não temos suficiente conhecimento deste incidente para que dele possamos tirar seguras ilações. Pode até ser que não tenha havido razão que justifique o desesesperado acto. No entanto, não conseguimos furtar-nos a uma pergunta que teimosamente ficou a bailar-nos na mente: — Que castigo temeria o rapazito para assim fugir e se sujeitar a tão duras privações?

— * —

Merecem um pouco de atenção estes serviçais garotos que vêm às nossas portas tantas vezes ajoujados sob o peso dos cabazes repletos de géneros de primeira necessidade. Vieram quase todos da província atraídos pela miragem da cidade, já que a vida no campo é dura e sem esperança. «Aqui sempre está certo o pãozinho — dizem — que tantas vezes falta lá na terra, e pode ser que a sorte sorria e o rapaz chegue a caixeiro e, até, — quem sabe? — venha a possuir uma tenda». Têm doze, treze anos, trazem apenas a roupa que lhes cobre o corpo, cuja modéstia o guarda-pó, símbolo tradicional da profissão,se encarregará discretamente de esconder. Ficam entregues aos cuidados do patrão. Na loja trabalham, na loja comem e dormem.

Afirmemos desde já, para evitar equívocos e o perigo das generalizações, que alguns destes rapazes, simples e rudes, são felizes. Encontram patrões que os estimam e procuram fazer deles homens, submetendo-os a um regime quase patriarcal, de que resulta a sua preparação para a vida e a progressiva promoção a meio-caixeiro e caixeiro, dando-lhes enfim uma carreira que, embora modesta, é bastante promissora para as suas humildes habilitações. Infelizmente, porém, nem sempre se registam estas dignas e louváveis atitudes e muitos desses garotos arrastam vidas penosas, sofrendo resignadamente maus tratos, trabalho duro e deficiente alimentação.

É vê-los, cedo ainda, frequentemente antes das lojas abrir, calcurriar ruas e subir escadas a tomar nota das encomendas das freguesas, que mais tarde irão servir. De tarde, ajudam no balcão e arrumam a loja. Caixotes agrestes, grossos sacos, pesados fardos são deslocados pelos seus frágeis braços, num trabalho exaustivo que se prolonga noite fora. Mas onde estes rapazes suportam ainda mais difíceis condições é naquelas mercearias que possuem casa de vinhos anexa. Aí o serviço nunca tem fim. A taberna é a forma de conseguir vender os víveres a toda a hora e cabe ao marçano o trabalho de iludir a lei e ir aviando a desoras os fregueses que sempre aparecem. Outro tanto acontece com certas casas de frutas e leitarias, autênticas mercearias disfarçadas, que usufruem do privilégio de vender os géneros até altas horas da noite, mantendo em serviço permanente o pobre do rapazito que os serve, embora a lei não permita semelhantes irregularidades.

Em casa de uma família amiga conhecemos em tempos um marçano que era ali protegido por ser da terra do chefe da casa. Conseguia ir ali um ou outro domingo, numa rápida visita ao fim da tarde, e só a pedido daquele nosso amigo, porque o domingo era também dia de trabalho já que se tratava de uma das tais tendas que dispõem de taberna anexa. Contava-nos ele que ao sábado, dia de arrumação geral, o trabalho se prolongava até às quatro horas da madrugada de domingo. E poderia supor-se que para tal esforço a alimentação seria nutritiva. Mas não. O comer para o marçano era cozinhado à parte e constava de uma sopa grosseira com «entulho».

Poderíamos ilustrar as nossas afirmações com outros casos autênticos, mas não merece a pena. O nosso leitor conhecerá outros factos e o que já dissemos é suficiente para provar que a classe dos marçanos carece de protecção. E' necessário vigiar com maior rigor o cumprimento das leis de trabalho e seria de todo o interesse que a estes rapazes fosse dada assistência social. Eles carecem de algum recreio pois encontram-se na idade em que o brincar é factor essencial à formação da personalidade. Necessitam igualmente de alguma cultura, de educação moral e física, e de acção espiritual, de forma que ao atingirem a idade adulta sejam criaturas humanas de coração sensível, capazes de compreender o semelhante e, por consequência, de o estimar sem os complexos que emergem de uma adolescência em revolta.

Parece-nos que duas instituições estão particularmente indicadas para desenvolver em conjunto essa imprescindível tarefa educativa: Os Sindicatos dos Caixeiros e os Grémios dos Retalhistas de Mercearia. Estas entidades poderiam promover tal obra de assistência ganhando bons cidadãos para a vida nacional.

O Escotismo poderia constituir o movimento ideal para o aproveitamento destes rapazes formando-lhes a alma, revigorando-lhes o corpo e o espírito. E os patrões que quisessem cooperar nesta relevante obra seriam recompensados com a devolução pelo Escotismo de rapazes mais desembaraçados, cheios de iniciativa fiéis e cumpridores, jovens de princípios.

Demais, não se trata de uma iniciativa que requeira largos fundos. Apenas uma sede em cada bairro, umas centenas de escudos para compra de material, uma alma devotada ao bem fazer para chefiar cada grupo. E que grande obra se poderia realizar a favor dos marçanos das nossas cidades? Não mereceria a pena tentar?

E. R.



Sem palavras!

Dos Açores

Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo

Boa acção colectiva do Natal

O «52» e os 1 e 2 dos «Boy Scouts of America», da B. A. 4. — Lajes, realizaram a sua boa acção conjunta do Natal, pela 12.ª vez consecutiva, em 14 de Dezembro passado.

Este ano foi possível reunir grande quantidade de roupas usadas, que beneficiaram 175 famílias necessitadas de Angra, arredores e outras freguesias.

A distribuição foi feita pelo chefe J. R. Moniz Silva, coadjuvado pelo chefe adjunto Ludgero Moreira e uma delegação do «52»; e pelo chefe do núcleo, Ian MacDonald e vários chefes e uma representação dos «Boy Scouts of America», acompanhados do seu presidente sr. Baird, sob a incansável orientação da sr.ª D. Maria da Conceição A. M. Silva Valentim, que com sua mãe, sr.ª D. Ilda de Ávila Moniz Silva, como de costume deram a sua preciosa colaboração, encarregando-se da separação das roupas e da preparação dos volumes.

É também digna de louvor a comissão directiva do escotismo americano nas Lajes, pela quantidade de roupas que conseguiu juntar, sendo justo salientar o esforço feito, nesse sentido, pelo seu antigo membro o ex-presidente, E. C. Alford Jor., actualmente nos E. U.

Actividades como esta tradicional Boa Acção dos Escoteiros de Portugal, em Angra, e dos «Boy Scouts of America» nas Lajes, são daquelas que só dignificam quem as pratica e bem merecem continuidade.

Almoço de confraternização dos componentes do «52»

Realizou-se no Domingo, 22 de Dezembro, numa sala da Cantina Escolar da Escola Infante D. Henrique, gentilmente cedida pelo Ex.mo Director do Distrito Escolar de Angra do Heroísmo, sr. Luís Gaspar de Lima, o almoço anual de Confraternização do Natal dos escoteiros do «52».

Usaram da palavra, além do chefe Moniz Silva, o guia da Patrulha «Galo», os caminheiros, Valdemar Hilário e Henrique T. de Sousa, que evocou tempos passados e proferiu palavras de apreço pelo evidente espírito de sacrifício, de fraternidade e de dedicação do chefe do «52», terminando com a fala do professor Leopoldino Tavares, que fez o balanço da reunião e falou sobre o valor da verdadeira fraternidade.

Major-General E. B. Lebailly

Partiu para os Estados Unidos, em princípios de Janeiro, acompanhado de sua família, após 28 meses de serviço prestado como comandante das forças americanas nos Açores, o Major-General E. B. Lebailly, que vai ocupar o cargo de Director dos Serviços de Informação do Departamento das Forças Aéreas dos E. U..

O General Lebailly, pelo seu fino trato, espírito de compreensão e tacto diplomático, deixou muitas amizades entre os portugueses, que muito o consideravam e com pesar o viram deixar o seu convívio.

Grande entusiasta do movimento escotista, os Escoteiros de Portugal ficaram-lhe devendo várias atenções, e, por esse motivo, o chefe Moniz Silva, esteve nas Lajes, no dia 30 de Dezembro passado, a apresentar-lhe cumprimentos.

FUNDAMENTOS DO MÉTODO ESCOTEIRO

VIDA AO AR LIVRE

O apelo do verdadeiro Escotismo tem de ser feito sempre para aquele elemento de vagabundo, pioneiro e explorador que existe em grande escala na nossa própria maneira de ser e que está muito mais evidente na rapaziada.

Essa é a razão da frase de abertura de B.-P. no «Escotismo para Rapazes»: «Por Escotismo quero significar o trabalho e os atributos dos colonos das florestas, dos exploradores e dos homens dos postos fronteiriços.»

O Escotismo é um Movimento para ser praticado ao ar livre — esta é uma parte essencialíssima do seu carácter. Sòmente quando as condições nos forçam, tais como o estado do tempo, o escuro ou a vida da cidade, então deveremos considerar as actividades fora do ar livre como uma segunda possibilidade e nunca como um substituto satisfatório da verdadeira actividade ao ar livre. Uma sede para o Grupo é necessária por muitas razões, mas o Escotismo não começou dentro dum edifício; o cenário necessário à vida do escoteiro existe nos campos, nas matas e florestas e no campo aberto.

Modo de realizar a obra:

Os rapazes em crescimento gostam de sentir que estão fazendo progresso na sua perícia e conhecimento de coisas práticas. B.-P. introduziu este desejo pela utilização do sistema de insígnias que é uma parte integrante e fundamental da aplicação do Escotismo. Há insígnias de eficiência — 3.ª, 2.ª e 1.ª classes e outras — para desenvolvimento geral dos conhecimentos que um escoteiro deve possuir; outras insígnias, correspondentes a certos conhecimentos técnicos mais especializados, de modo a encorajar o rapaz no progresso dos conhecimentos úteis e no Serviço Público, outras destinadas a desenvolver as habilitações necessárias à vida de ar livre e outras, ainda, sugerindo passatempos agradáveis e úteis para os momentos livres das obrigações quotidianas.

A grande variedade oferecida não se destina a encorajar a obtenção dum grande número; o propósito é proporcionar ao rapaz qualquer coisa que o interesse na sua ânsia de progresso e ajudá-lo a descobrir as suas melhores habilidades e tendências, para que depois possa aperfeiçoá-las.

Continua

Tradução, pelo sr. Eng.º J. M. Nobre Santos, do folheto «Fundamentals of the Scout Method».

Antigos Escoteiros

Tertúlia

No dia 23 de Fevereiro passado, os antigos escoteiros reuniram-se no almoço de tertúlia com as seguintes presenças: srs. Albano da Silva, esposa e filho Jorge; Humberto Martins e esposa, sua filha — a antiga guia sr.ª D. Maria Elisama Moreira — e sua cunhada sr.ª D. Lucinda Paula; José Dionísio dos Santos, esposa e filhos; Júlio Nogueira e esposa; Eugénio Ribeiro Nunes e esposa; Eduardo Quintino, esposa e filha; Luís Simões Aurélio e esposa; Wolfgang Karl; Ferrer Monteiro, João Madeira Leitão. João Henrique Pereira Soares, Brigadeiro Esteves Pereira, Levi A. Lobato, prof. Aníbal Ramos e Luís Alves Miguel.

Depois do almoço, quase todos os presentes se dirigiram à sede da A.E.P. onde assistiram à festa comemorativa do aniversário de B. P.

SUIÇA

Warner Barblan, ex-vice-presidente da Fraternal Internacional e Presidente do Conselho de Publicações da mesma, que nos visitou há três anos e se distinguiu pela amizade que dedica aos antigos escoteiros de Portugal, foi recentemente escolhido para Presidente da Liga de S. Jorge, associação dos antigos escoteiros da Suíça.

CALENDÁRIO DE MARÇO

DIA 11 — 14.º aniversário da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

2.º aniversário da 9.ª Companhia das Guias de Portugal. Igreja Lusitana, Rua das Janelas Verdes, Lisboa.

Mensalmente publicaremos este Calendário com as efemérides de que tivemos conhecimento.



Grupo N.º 60 — VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO

Os escoteiros do Grupo n.º 60, comemoraram no domingo 23 de Fevereiro passado, a passagem do aniversário do nascimento de Baden Powell.

Na sede do grupo, efectuou-se uma sessão em que o chefe evocou a vida de Baden Powell e a expansão alcançada em todo o Mundo pelo Escotismo como método de educação da juventude, deslocando-se depois os escoteiros para os arredores da mata local, onde realizaram diversos exercícios com vista à obtenção da insígnia de 2.ª classe.

SEMPRE PRONTO

O Conselho Interamericano de Escotismo, teve a gentileza de oportunamente nos enviar um sugestivo postal escoteiro de cumprimentos de Natal e votos para o novo ano. Só em Fevereiro passado chegou ao nosso poder o referido postal, mas de igual forma o agradecemos, retribuindo os votos para o Ano Novo.

Também a Sociedade «Amoníaco Português» nos enviou um bonito calendário, que agradecemos.

Uma mulher inteligente

DEULADEU MARTINS

Estava a vila de Monção cercada pelas tropas inimigas, e já não havia pão para comer. O povo começava a desanimar porque não chegavam os reforços que os ajudassem a libertar a sua terra.

Foi então que uma mulher chamada Deuladeu Martins se serviu de um estratagema de grande resultado. Mandou reunir todos os restos de farinha que pudessem ser encontrados nos cantos dos arcazes exaustos, e com muita dificuldade juntaram a que mal chegou ao fabrico de alguns pães. Depois, subindo a um torreão donde podia falar aos soldados inimigos, atirou-lhes todo o pão com tanto custo amanhado, dizendo que dele precisariam para se alimentarem.

Ora como realmente os sitiadores estavam por vezes, naquele tempo, em quase tão más circunstâncias como os sitiados, o cerco ou *sítio* foi levantado e Monção liberta da terrível lei da guerra.

Foi assim que uma mulher libertou uma vila. (...)

DO «RAIO DE SOL»

EDUARDO MOREIRA

Adivinhas

I

É uma caixinha
De bem querer;
Não há carpinteiro
Que a saiba fazer.

II

Mastigo mas não engulo,
Ando e não venço caminho;
Sustento os mais quando bulo
Dentro do meu próprio ninho.

III

Qual é a coisa que cheira, soa e prega?

IV

Qual é o nome de homem que contém as cinco vogais?

Perguntas de Algibeira

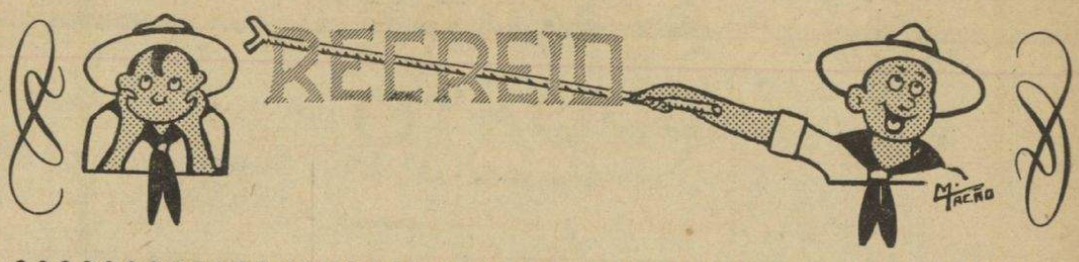
QUE DESEJA SEMPRE O INTERESSEIRO?
(Uma cidade de Portugal)

QUE FAZ O ECONÓMICO?
(Outra cidade portuguesa)

QUE FAZ O FAMINTO, SE ENCONTRA COMER?
(Cidade de Portugal procedida de D)

QUE DESEJA TER O MAL-VESTIDO?
(Outra cidade portuguesa com L no fim)

QUE ALMEJA O NÁUFRAGO DE NOITE?
(Cidade portuguesa seguida de L)





AS DESVENTURAS do Zé Escoteiro

Observar a natureza

O nosso conhecido Zé Escoteiro tem uma virtude valiosa. E' muito perseverante. Está firmemente disposto a fazer boa figura na Patrulha e, por mais desaires que sofra, não desanima. E, como *quem porfia mata caça*, lá há-de chegar, Não haja dúvida!

O Guia da Patrulha destinou um interessante exercício que se realizou num bosque vizinho. Os escoteiros isolavam-se no meio do arvoredo e deviam observar cinco espécies de aves. Anotavam os seus hábitos, desenhavam os suas formas e colhiam todos os apontamentos possíveis acerca das suas cores, etc..

O Zé Escoteiro lá foi todo entusiasmado. Comprou uma caixa de lápis de cor e um grande bloco de papel. Embrenhou-se no bosque, escondeu-se no meio de umas moitas junto a um riacho e dispôs-se a observar com atenção. Espreita daqui, espreita dali, apareceu um pardal. E o nosso Zé, que já conhecia muito bem aquele bichinho, toca de escrever tudo o que sabia e fazer um desenho o mais jeitoso possível. Entretanto, surgiu um pintassilgo. Novo apontamento e outro desenho. O tempo passou e, bastante mais tarde, um melro fez a sua aparição. O'ptimo. Este era ainda mais fácil porque era negro. Não precisava de muitas cores. Depois ficou à espera mas não havia maneira de aparecer outro pássaro. Deixou-se adormecer. Já tarde, o Guia apitou dando o exercício por terminado. Todos se reuniram num a clareira e cada um dos escoteiros começou a dar conta da sua observação até que chegou a vez do nosso Zé.

— Então? Conseguiste observar cinco pássaros? — inquiriu o Guia.

— Pois está claro! Não fosse eu o Zé Escoteiro.

— Olha: Um melro... Um pintassilgo... — aqui o Zé fez uma pausa.

— E que mais? — perguntou o Guia.

— E três pardais!... — concluiu o Zé com toda a segurança.

A gargalhada que os companheiros largaram parecia ter feito eco no cérbero do Zé Escoteiro. A caminho de casa, ainda repetia: «Três pardais...» Ora, ora, sempre me acontece cada uma!

UM PROBLEMA QUE PARECE DIFÍCIL...

Um lavrador colheu umas maçãs no seu pomar. Quando vinha para casa, encontrou um amigo e deu-lhe metade das maçãs e mais meia maçã. Mais adiante viu o filho, chamou-o e deu-lhe metade das maçãs que lhe restavam e mais meia maçã. Quando chegou a casa, deu à filha metade das maçãs que ainda tinha e mais meia maçã. E ficou com três maçãs. Quantas maçãs tinha colhido?

...AFINAL, UM PROBLEMA FÁCIL

Anedotas

À volta da caça:

— Mataste alguma coisa, Raul?

— Matei um pato...

— Bravo?!

— Não! Bravo era o dono.

— A vida é assim: umas vezes vamos para cima, outras para baixo... Subimos muito alto e depois descemos...

— Você é filósofo?

— Não. senhor; sou o encarregado do ascensor.

Soluções de Fevereiro

ADIVINHAS

I — A cebola

II — O vinho e o vinagre

ENIGMA

Miosótis

QUAIS SÃO OS GUIAS?

1.º — Comparando a) com d), conclui-se que o António e o Raul não são nem guia nem subguia:

2.º — Por b) verificamos que o guia não é nem o Henrique nem o Domingos:

3.º — Jaime é o escoteiro mais novo da patrulha, segundo se vê em c). Não é, comcerteza, nem guia nem subguia:

4.º — O Joaquim e o irmão (Henrique, pois o apelido de ambos é igual) não são o guia nem o subguia, como se depreende de d).

Assim:

1 — António. Raul, Henrique, Domingos, Jaime e Joaquim não são o guia, o qual será, portanto, Mário.

2 — Mário. António, Raul, Jaime, Joaquim e Henrique não são o subguia. Por exclusão de partes, conclui-se que o subguia é o Domingos.

CURIOSIDADES

Em 1778 foram levados para a Austrália os primeiros exemplares de gado vacum: — 4 vacas, 1 touro e uma vitela. Em 1930 havia ali 13 milhões de descendentes.

Uma planta de papoula pode produzir mais de 30 000 sementes.

Uma carpa põe 350 000 ovos de cada vez.

N.º 227

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

MARÇO de 1964

O ESCOTEIRO É AMIGO DAS AVES

O CARPINTEIRO DOS BOSQUES

Tap-tap-tap-tap-tap-tap . . . Parece que o som vem daquele castanheiro? E' verdade: lá se ouve outra vez e agora mais claro ainda. Quem estará a martelar?

Ah! Lá está ele, o carpinteiro dos bosques, o pica-pau. Mas, não nos mostremos, que ele é muito tímido.

Lá vai ele, subindo cuidadosamente, como se à volta do tronco da árvore tivesse sido construído para seu uso particular uma escada em espiral. Pára de quando em quando para abater ou para levantar algum pedaço de casca, procurando alimento que consta essencialmente de vermes e insectos. Quando chega ao topo, voa ràpidamente para o pé de uma árvore próxima e recomeça a ascensão em espiral. É espantoso o número de árvores que um pica-pau examina assim metòdicamente num só dia.

O pica-pau está maravilhosamente preparado para o seu modo de viver. O bico, extremamente forte, em forma de cunha e cortado na ponta como um cinzel, permite-lhe penetrar na casca mais dura. A língua tem a ponta disposta de tal maneira que, penetrando nas fendas abertas pelo bico, apanha irremediàvelmente o pobre bichinho que lá esteja escondido. A curiosa construção dos dedos, dois voltados para a frente e dois para trás, armados de garras aduncas, e ligados a um pé pequeno muito musculoso habilita-o a trepar pelas árvores quase que em todas as direcções. A cauda, rígida e em forma de cunha, também é de considerável utilidade para o ajudar a firmar-se.

O pica-pau não constrói ninho. Procura numa árvore, geralmente uma faia ou um castanheiro, um lugar donde tenha caído um ramo, que será menos duro e mais fácil de trabalhar; e com o seu excelente bico cava um buraco que chega a ter 40, 50 ou mesmo 60 centímetros de profundidade. A entrada é sempre muito pequena e perfeitamente circular, dando a impressão de ter sido riscada a compasso, e depois aberta com ferramenta hábil de carpinteiro. A cavidade vai alargando para dentro até ser uma câmara espaçosa.

Nessa casinha são postos de seis a nove ovos, muito lindos, com o aspecto de marfim e salpicados de pontinhos vermelhos. Os bebèzinhos aparecem ao fim de quinze dias durante os quais a mãezinha não sai de cima dos ovos, nem mesmo que alguém de maus instintos trabalhe no tronco da árvore com cinzel e martelo até abrir um buraco por onde posse meter a mão.

D. J. R.

DO «RAIO DE SOL»

O antigo Chefe do Grupo n.º 1, sr. Ernesto de Sousa, relembra alguns episódios da sua carreira escotista, em entrevista concedida aos mais jovens jornalistas de «S. P.»

Pouco passava das 5 horas da tarde quando chegámos à residência do sr. Ernesto de Sousa, a quem íamos entrevistar. Foi-nos oferecida amável recepção.

Numa curta visita à biblioteca do chefe Ernesto de Sousa, pudemos admirar a variedade de livros que ali se encontram.

Após esta visita, começámos a nossa entrevista:

— Chefe, pode dizer-nos quanto tempo esteve à frente do Grupo 1?

— Chefiei aquele grupo durante seis anos e posso dizer que foi um tempo coberto de bênçãos dos céus.

— Actualmente ocupa algum lugar na direcção do grupo?

— Não, não ocupo.

— Pode contar aos nossos leitores algum episódio interessante ocorrido durante a sua vida escotista?

— Sim, posso. Olhem, por exemplo: Uma vez, nós, os do 1, fomos acampar para Leiria. Fomos de combóio até às Caldas da Rainha e o resto do percurso a pé. A excursão durou uns dias e, é bom salientar, estávamos na força do calor. As fardas estavam todas sujas, do suor, está claro. Certo dia, passámos por um ribeiro e então resolvemos lavar nós a nossa própria roupa. E se bem o pensámos, melhor o fizemos.

Estávamos nós nesse serviço quando apareceram umas mulheres que nos perguntaram o que estávamos a fazer e se não sabíamos que em Portugal os homens não lavavam a roupa. Respondemos que sabíamos, mas que haveríamos de fazer se não tínhamos ninguém que a lavasse. Elas foram, então, muito amáveis e lavaram-nos a roupa. O resto, já todos adivinham: foi um dia de riso!

— O Chefe já compareceu nalgum Jambori ou esteve em qualquer cerimónia do Jubileu?

— Não, nunca compareci a qualquer dessas reuniões porque nunca tive a oportunidade de o fazer.

— Chefe, lembra-se, por acaso, em que mês e ano fez o seu compromisso de honra, como escoteiro?

— O mês foi Março, agora o ano é que já não me passa pela memória.

— E agora, para finalizar esta nossa conversa, gostávamos de ouvir do chefe algumas palavras dirigidas aos escoteiros. Pode ser?

— Da melhor vontade. Apenas gostaria que os escoteiros actuais fossem mais dedicados ao movimento e que não se envergonhassem da farda que envergam.

Agradecemos estas palavras do chefe Ernesto de Sousa.

No final, durante o chá que nos foi oferecido, o guia Luis Filipe dos Santos Gomes entregou ao entrevistado dois escalpes da Patrulha Lobo, com uma dedicatória onde se liam palavras de amizade, oferta que deixou o chefe Ernesto de Sousa muito sensibilizado. — L. F. e R. H.

O Concurso dos Jogos

promovido pelo Grupo n.º 93 de Sintra

Em circular dirigida aos Grupos, o 93 lamenta que até 5 de Março corrente não tivesse sido recebido na sua sede qualquer participação no interessante Concurso promovido por aquela unidade. E tem razão o Chefe do Grupo de Sintra. O Concurso é útil, pode servir para enriquecer o nosso repositório de jogos escoteiros e não podemos crer que cada unidade dos Escoteiros de Portugal não possua um jogo com características próprias, mesmo por adaptação, para participar naquela iniciativa integrada nas comemorações do 30.º aniversário do 93.

E' necessário estimular este espírito de cooperação amiga entre todas as unidades dos Escoteiros de Portugal, pois só assim o Movimento poderá promover a sua expansão.

O Grupo n.º 93 prorrogou o prazo do concurso até 15 de Abril e, estamos certos, nessa data, os seus promotores vão ter a alegria de registar a presença dos Grupos de todo o país, podendo assim realizar uma actividade brilhante.

Assinantes Patrocinadores

Mais adesões

Dois dos mais antigos escoteiros portugueses, que tiveram os seus nomes ligados não só a importantes funções de chefia e direcção, mas também a factos brilhantes dos Escoteiros de Portugal, quiseram ter a gentileza de nos saudar com palavras de muita simpatia por ocasião do 19.º aniversário de «S.P.», inscrevendo-se ambos como assinantes patrocinadores. Trata-se dos nossos dedicados amigos Srs. Coronel Joaquim de Sousa Duarte Borrego e Capitão Manuel de Sousa Duarte Borrego.

Igualmente o nosso bom amigo e antigo-escoteiro sr. Fernando de Almeida Figueiredo nos manda a sua adesão acompanhada da dedicatória simpática: *mais um cavaco para a chama.*

Também o nosso leitor dedicado e amigo, sr. Carlos Alberto Filipe, recentemente regressado do Canadá, não se esqueceu de «S.P.» e enviou-nos 50$00 para a sua assinatura.

Saudamos todos estes nossos patrocinadores, a quem agradecemos a prestante cooperação.